

Construindo a integridade familiar no fim da vida

Ana Raquel Silva¹, Filipa Marques², Liliana Santos³ & Liliana Sousa⁴

A *integridade familiar* constitui um desafio normal no desenvolvimento das pessoas idosas, fortemente influenciado por factores do sistema familiar. Este estudo pretende aprofundar o conhecimento sobre o que contribui para o desenvolvimento do sentimento de *integridade familiar* em pessoas idosas. A recolha de dados efectuou-se com a aplicação de uma entrevista semi-estruturada (baseada em King & Wynne, 2004), administrada a 8 indivíduos com idade superior a 64 anos (5 mulheres e 3 homens), que vivem em contexto familiar. Os principais resultados sugerem que o sentido de *integridade familiar* na pessoa idosa é influenciado por: i) redefinição da identidade pessoal sustentada por uma filosofia de vida; ii) existência de proximidade afectiva nas relações; iii) aceitação de conflitos; iv) satisfação com a transmissão de legado; v) continuidade das relações familiares; vi) existência de projectos de vida futuros. A integridade não exclui contrariedades e amarguras, mas envolve-as num significado de paz com a vida. Na intervenção as pessoas idosas devem ser apoiadas no processo de aceitação de si e do outro, pois este é um mecanismo facilitador da *integridade familiar*.

PALAVRAS-CHAVE: Integridade familiar; Desconexão/alienação familiar; Famílias envelhecidas; Pessoas idosas.

1. Introdução

O sentido de *integridade familiar* é vivenciado pela pessoa idosa através de uma sensação de paz e/ou satisfação com o presente, passado e futuro das suas relações familiares. Constitui um desafio normal para o desenvolvimento das pessoas idosas fortemente influenciado por factores do sistema familiar. Este conceito foi apresentado por King e Wynne (2004) e desenvolvido a partir da experiência clínica. Os autores reconhecem a necessidade do seu aprofundamento conceptual

1 Gerontóloga, Bolseira de Investigação na Universidade de Aveiro - gerontologas.o8@gmail.com

2 Gerontóloga, Bolseira de Investigação na Universidade de Aveiro - gerontologas.o8@gmail.com

3 Gerontóloga, Bolseira de Investigação na Universidade de Aveiro - gerontologas.o8@gmail.com

4 Professora Auxiliar com Agregação na Universidade de Aveiro

através da investigação. Assim surge a relevância em estudar a construção da *integridade familiar* em pessoas idosas e nas famílias no fim da vida.

A literatura tem enfatizado o desenvolvimento na infância e adolescência, atribuindo particular importância às famílias com crianças e adolescentes. Paralelamente, a última fase do ciclo de vida é a menos explorada, provavelmente pelo recente envelhecimento populacional. Além disso, os estudos sobre o envelhecimento têm incidido principalmente no desenvolvimento individual, focando pouco as interações familiares no fim da vida. Os estudos que focam as famílias envelhecidas tendem a centrar o cuidador familiar de pessoas idosas com alguma dependência, descurando os processos familiares (Sousa, 2008).

O desenvolvimento da *integridade familiar* é parte do envelhecimento bem sucedido. À semelhança das outras etapas do ciclo de vida, os idosos e as suas famílias enfrentam um conjunto de desafios individuais e familiares, cuja resolução (ou integração) contribuirá para o envelhecimento bem sucedido e para a progressão do desenvolvimento. A compreensão da construção do sentido de integridade familiar, permitirá intervir atempada e adequadamente nas relações do idoso na sua família, activando as suas competências adaptativas e do seu sistema familiar.

2. Famílias no fim da vida

2.1. *Família e ciclo de vida familiar*

O termo *família* é um dos mais emotivos do vocabulário humano. Carter e McGoldrick (2004) designam família como um conjunto de pessoas em interacção, ligadas emocionalmente, compreendendo pelo menos três gerações e, actualmente, com frequência, quatro.

O desenvolvimento familiar remete para a mudança/evolução da família enquanto grupo, e para as alterações nos seus membros individuais. O carácter desenvolvimental desta abordagem reside no reconhecimento de uma sucessão previsível de transformações na organização familiar, em função de tarefas definidas (Relvas, 1996) que tem sido designado por ciclo de vida familiar. Compreende um conjunto de etapas pelas quais as famílias passam, desde a sua constituição numa geração, até à morte dos indivíduos que a iniciaram (idade da família).

Carter e McGoldrick (2004) encaram a família como um sistema movendo-se ao longo do tempo que agrupa elementos (nascimento, adopção e casamento) e perde

elementos (só por morte). Assim, o ciclo de vida familiar divide-se em estádios definidos a partir de momentos de crise/transição: de acesso (alguém entra) e de desmembramento (alguém sai). Qualquer uma das situações vai solicitar ao sistema familiar uma transformação dos seus padrões transaccionais, para que o sistema evolua sem fazer atemorizar a sua identidade e continuidade (Alarcão, 2000).

Conhecendo as sucessivas etapas do ciclo de vida familiar, torna-se possível perceber as suas características, potencialidades e adversidades, que beneficia a análise/intervenção com determinada família. Adoptamos o modelo de Carter e McGoldrick (2004) para abordar os estádios do ciclo de vida familiar, que contempla seis estádios: o jovem adulto (entre famílias); o jovem casal (junção de famílias pelo casamento); famílias com filhos pequenos; famílias com adolescentes; saída dos filhos; e família no fim da vida. A fronteira entre os vários estádios não é rígida, pois as tarefas vão sendo preparadas nos estádios anteriores (Alarcão, 2000).

O último estágio, aquando a integridade familiar se constrói, designa-se família no fim da vida, sendo a aceitação da mudança dos papéis geracionais o principal processo emocional de transição. A geração mais idosa deverá atribuir destaque aos seus descendentes nas funções familiares, preservando um espaço para a sua sabedoria e experiência (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004). Este estágio exige ao indivíduo a aceitação de determinadas perdas inerentes ao processo de envelhecimento (Sousa, 1998): a morte do cônjuge, familiares e outros elementos da mesma geração; perda de relações sociais, prestígio e poder relacionadas com afastamento da vida profissional. A preparação para a morte, revisão e integração da própria vida são tarefas deste estágio. Concomitantemente, o indivíduo deve explorar novas opções familiares e sociais, adaptando-se às suas transformações biopsicossociais.

2.2. Famílias no fim da vida: o desafio da integridade familiar

2.2.1. Integridade do self

Erikson (1950), na teoria psicossocial do desenvolvimento, afirma que o desenvolvimento decorre desde o nascimento até à morte. Para o autor a velhice é um período em que o indivíduo reflecte sobre a sua vida e revive os seus triunfos e contrariedades, incorporando no *self* memórias e experiências significativas acerca de si e do mundo. A *oitava idade* (após os 65 anos) seria vivida da dicotomia *integridade vs desespero*. O sentido de integridade começa a ser questionado na vida adulta e ganha ascendência na velhice, quando o idoso procura dar sentido à vida e construir um sentimento de integridade do *self* (por oposição ao desespero) aceitando as perdas e preparando a morte.

2.2.2 *Integridade familiar*

King & Wynne (2004) associaram a construção de identidade do ego a um processo mais vasto de construção de significado e desenvolvimento relacional no sistema familiar - *integridade das relações familiares* - no qual o idoso procura estabelecer pertenças e relações na sua família multigeracional que contribuam para valorizar e dar sentido à sua vida. À profunda sensação de paz e/ou satisfação com o presente, passado e futuro das relações familiares, estes autores atribuem a designação de *integridade familiar*. Por oposição, a *desconexão* e a *alienação* são vivenciadas pela ausência de valores e crenças partilhadas e pela inexistência de um sentimento de identidade familiar. A *integridade familiar* envolve processos a vários níveis na organização da sociedade: individual, experiência interior de satisfação *versus* descontentamento do idoso no contexto familiar; familiar, competências relacionais observáveis e transacções que contribuem para o sentido de pertença; social, onde a transmissão de valores e rituais influenciam os outros níveis (King & Wynne, 2004). A construção da integridade familiar na pessoa idosa é fortemente influenciada por três competências/factores do sistema familiar (King & Wynne, 2004): transformação das relações; resolução ou aceitação de desilusões, perdas ou conflitos; criação de sentido e legado.

Transformação nas relações familiares

Ao longo dos ciclos de vida familiar e individual as relações familiares sofrem transformações. A *maturidade filial* é alcançada quando a geração intermédia auxilia a geração mais velha em funções executivas e na prestação de cuidados. De modo recíproco, a geração mais velha aceita este apoio e assume novas responsabilidades no sistema – *maturidade parental* (Blenkner, 1965; King, Bonacci & Wynne, 1990, in King & Wynne, 2004). Esta reciprocidade retrata a dinâmica das relações bem-sucedidas no fim da vida. Wynne (1984, in King & Wynne, 2004) definiu a reciprocidade como a capacidade de manter o compromisso no relacionamento com a família e conseguir reinventá-lo face às transições do ciclo de vida. Estas transformações dependem da capacidade da família renegociar o poder das hierarquias entre gerações e estabelecer relacionamentos entre adultos. Contrariamente à noção de inversão de papéis, a maturidade filial envolve uma transição mutuamente benéfica entre gerações mais velhas e mais novas.

Resolução ou aceitação de perdas, desilusões e conflitos

Nesta etapa a pessoa começa a reflectir sobre o seu percurso de vida. Perante um tempo de vida limitado, irrompe a necessidade de resolver eventuais erros, conflitos ou desilusões familiares. Os outros familiares podem dificultar este processo, por falta de disponibilidade para acoplar nestas “discussões dolorosas”, pois estão

envolvidos nas tarefas do seu estágio de vida familiar. Algumas famílias *praticam* o afastamento do idoso de discussões familiares, na tentativa de o proteger da dor emocional. Esta atitude contribui para o sentido de alienação/desconexão entre a geração idosa e a intermédia.

Criação do sentido de legado

Segundo Prieur (1999) ninguém escapa à herança. Somos portadores da herança nos genes, saberes e tradições. A herança (construção de legado) tem sido definida como uma experiência relacional do envelhecimento, associada à continuidade, preservação no tempo (imortalidade simbólica), integridade e construção da identidade e protecção da família para além da morte (Sussman, Cates & Smith, 1970). Na literatura sobressaem três dimensões de herança (Hunter & Rowels, 2005): biológica (passagem de genes e condições da saúde, doação do corpo); valores (crenças, tradições, rituais e histórias); e material (dinheiro, bens patrimoniais, bens pessoais com elevado valor simbólico e bens tangíveis convertidos em valores simbólicos).

3. Objectivos

Esta pesquisa pretende aprofundar o conhecimento sobre o que contribui para o desenvolvimento do sentimento de *integridade familiar* em pessoas idosas. Em termos específicos procura-se: i) caracterizar a *integridade familiar* em pessoas idosas a viver em contexto familiar, considerando as transformações nas relações familiares, a resolução de conflitos/perdas e a criação de sentido e legado; ii) compreender o que contribui para o desenvolvimento do sentido de integridade *versus* desconexão ou alienação familiar. Este estudo tem implicações: na compreensão das tarefas da família no fim da vida; na identificação das interações familiares mais significativas; no reconhecimento de elementos interventivos para promover a *integridade familiar* (evitando a desconexão). Adicionalmente, permitirá desenvolver o instrumento de recolha de dados, a entrevista proposta por King e Wynne (2004), que os autores reconhecem necessitar de maior conhecimento empírico.

4. Metodologia

Instrumentos

O instrumento de recolha de dados inclui: um questionário sócio-demográfico (idade, sexo, zona de residência, estado civil, situação socioeconómica - Índice de

Graffar - e estado funcional - Índice de Barthel; a entrevista semi-estruturada de King e Wynne (2004), com validação linguística para Português de Sousa e Patrão (2007) (anexo 2).

114

Esta entrevista proposta por King & Wynne (2004) permite analisar como a pessoa idosa está a construir a integridade familiar. No âmbito deste estudo a entrevista foi submetida a um pré-teste para analisar a sua clareza (formulação das questões, sequência e modo de registo das respostas), aceitabilidade pelos entrevistados e tempo de administração. O pré-teste foi realizado com 3 sujeitos com características semelhantes aos da amostra. Após a administração das entrevistas (gravadas em vídeo) as autoras reuniram-se e observaram-se os registos. Considerando as dificuldades foram realizadas alterações à ordem das questões, de modo a iniciar e finalizar a entrevista com temas positivos, preservando a estabilidade emocional dos entrevistados. Neste sentido, o último domínio da entrevista – *criação de sentido de legado* (que aborda o tema morte), passou para segundo; enquanto que o domínio *transformação das relações familiares* passou a ser o último. Ocorreu também alteração de determinados vocábulos, em que os entrevistados sentiram dificuldade de compreensão no pré-teste (por exemplo: “tarefas inacabadas” foi substituído por “alguma coisa a resolver”).

Amostra

A estratégia de amostragem foi por conveniência. A identificação dos elementos da amostra foi efectuada em 4 instituições de apoio às pessoas, que facilitaram o contacto com os seus utentes para realização do estudo. Ou seja, após a autorização da instituição para realização do estudo, os profissionais solicitaram às pessoas idosas que respeitavam os critérios de inclusão (habitar em contexto familiar, apresentar discurso coerente, estar orientado no tempo e no espaço, auto e halo psiquicamente, ser autónomo) autorização para serem contactadas pelos investigadores.

Posteriormente, os investigadores (as autoras) contactaram os idosos, explicaram os objectivos do estudo, a participação solicitada e os motivos pelos quais foram seleccionados. Todos os contactados aceitaram colaborar e após a assinatura do consentimento informado procedeu-se à aplicação dos instrumentos. A amostra (tabela 1) é constituída por 8 indivíduos com mais de 64 anos (5 do sexo feminino). As entrevistas tiveram uma duração entre 18min e 45min.

Tabela 1. Amostra

Caso	Sexo	Idade	Residência	Estado civil	Estatuto socioeconómico (índice de Graffar)	Estatuto funcional (índice de Barthel)	Classificação Integridade vs desconexão/alienação familiar
1	Masculino	69	Rural	Viúvo	Média	Independente	desconexão/alienação familiar
2	Feminino	74	Rural	Viúva	Média-baixa	Independente	Integridade familiar
3	Feminino	78	Urbano	Casada	Média-baixa	Independente	Integridade familiar
4	Feminino	78	Rural	Casada	Média-baixa	Independente	Integridade familiar
5	Feminino	76	Rural	Viúva	Média	Independente	Integridade familiar
6	Masculino	65	Urbano	Casado	Alta	Independente	Integridade familiar
7	Feminino	78	Urbano	Casada	Média	Ligeira dependência	Integridade familiar
8	Masculino	77	Urbano	Casado	Alta	Independente	desconexão/alienação familiar

Análise dos dados

As entrevistas foram gravadas e submetidas a análise de conteúdo, com recurso ao software N-VIVO 7. A análise de conteúdo iniciou-se com a categorização, que consistiu num processo de sucessivo refinamento com 4 juízes independentes: as autoras. Cada elemento leu todas as entrevistas e procedeu ao desenvolvimento de um quadro de categorização, relativo às categorias e subcategorias associadas à construção da *integridade versus desconexão/alienação familiar*. Utilizou-se como referencial teórico Erikson (1950) e King & Wynne (2004) (anexo 1). Após discussão os 4 juízes chegaram a um consenso sobre as categorias e subcategorias (tabela 2).

Tabela 2. Categorias e subcategorias: integridade versus desconexão/alienação familiar

Domínio I – Resolução de conflitos/perdas	
<i>Integridade familiar</i>	<i>Desconexão/alienação familiar</i>
Categoria 1 – Não/aceitação de conflitos: presença/ausência de conflitos actuais e/ou passados, inter e/ou intra familiares e sua resolução e/ou aceitação.	
1.1. Aceitação: sentimento de alívio perante a resolução e/ou aceitação de conflitos. Ocorre em diversas circunstâncias: não há/houve conflitos; os que existem ou existiram resolvem-se facilmente; há/houve conflitos, mas foram aceites. <i>“Para mim está tudo bem, para eles é que ainda não...”</i> [Caso 3; refere-se a conflitos na sua família alargada]	1.2. Não-aceitação: inquietude perante conflitos existentes. Incluiu situações em que: há/houve conflitos, sem aceitação; ausência de tentativa de resolução; evita ou nega o conflito. <i>“...e eu quero debater isso e elas pura e simplesmente não ligam...”</i> [Caso 1]
Categoria 2 – Tarefas in/acabadas: in/existência de tarefa(s) pendente(s) e/ou de assunto(s) por discutir.	
2.1. Tarefas acabados: tudo é sentido e vivido como acabado. <i>“Não tenho nada para resolver, está feito e eles que se ajitem”</i> ... [Caso 3]	2.2. Tarefas inacabados: alguns assuntos ainda necessitam de ser finalizados; por vezes tal é já impossível. <i>“É a necessidade que sinto... dar uma casa à minha filha.”</i> [Caso 1]
Categoria 3 – Ausência/presença de arrependimento: refere-se à in/existência de algum(ns) sentimento(s) de arrependimento por algo que fez (ou não).	
3.1. Ausência de arrependimento: “consciência tranquila”, paz e bem-estar. Podem ter ocorrido algumas situações indesejáveis, mas foram irrelevantes (<i>“coisas pequenas”</i>). A pessoa idosa perdoa-se por eventuais ocorrências menos boas do passado. <i>“Eu por mim não estou arrependida de nada...”</i> [Caso 4]	3.2. Presença de arrependimento: culpabilização e reconhecimento de erros passados; remorsos e desejo de reformular comportamentos e atitudes. A pessoa idosa sente que nunca vai ser perdoada e/ou não consegue perdoar-se; pode ter dificuldade em perdoar o outro e mesmo em receber o perdão do outro. <i>“Sinto que era descuidado do que ela.”</i> [Caso 1]
Domínio II – Criação de sentido de legado	
Categoria 4 – In/satisfação com a transmissão do legado: ocorre sempre transmissão (in/voluntária) de legado, mas pode ser ou não satisfatória.	
4.1. Satisfação: há transmissão de legado e independentemente de ser aceite ou não pelos herdeiros, a pessoa idosa fica satisfeita com o que transmitiu. Sensação de “dever cumprido” e de contributo e preparação das gerações futuras. <i>“Ser honesta, respeitar os outros.... Tudo isto transmitir!”</i> [Caso 7]	4.2. Insatisfação: há transmissão de legado, mas a pessoa idosa sente-se insatisfeita e frustrada porque os legados não foram/são (bem) aceites pelos herdeiros. A família desvaloriza o que foi transmitido, consequentemente a pessoa idosa sente-se desvalorizada (insatisfeita). <i>“...na maioria dos casos não aceitaram, portanto, aí posso sentir-me frustrado!”</i> [Caso 8]
Categoria 5 – Lugar (pouco) respeitado na família: espaço simbólico que a pessoa idosa sente ocupar na família.	
5.1. Lugar respeitado: a pessoa idosa sente ter um lugar significativo e respeitado na família, que associa às suas atitudes: aceitação da vida dos outros; não-controlo da vida dos outros. <i>“Sou respeitada pela família e pelos amigos!”</i> [Caso 2]	5.2. Lugar pouco respeitado: a pessoa idosa sente que ocupa um lugar pouco significativo na família. Pode manifestar sentimentos de superioridade em relação aos outros; e/ou uma atitude de controlo da vida dos outros. <i>“...com os meus irmãos falo à vontade, o que não consigo fazer com as minhas filhas”.</i> [Caso 1]

Categoria 6 – Construção in/congruente de lembrança familiar: indica a percepção da pessoa idosa sobre como será lembrado após a sua morte.	
6.1. Congruente: sente que será lembrado como pretende ser, embora deixe isso ao critério dos familiares. <i>“Gostava que se lembrassem de mim, como realmente sou!”</i> [Caso 8]	6.2. Incongruente: pretende ser lembrado por algo que não é valorizado pela família; angústia face à morte. <i>“Gostava de ser lembrado pelos meus hobbies, mas para eles [filhos] isso não vale nada!”</i> [Caso 1]
Domínio III. Transformações das relações familiares	
Categoria 7 – Des/continuidade nas relações familiares: transformações nas relações familiares ao longo da vida.	
7.1. Continuidade com amadurecimento: manutenção do compromisso familiar face às transições. As relações mantêm-se (há estabilidade e continuidade) e vão amadurecendo, tornando-se mais profundas. Existem lealdades caracterizadas por mutualidade e reciprocidade. Salienta-se a maturidade filial. <i>“Foi sempre assim, sempre a dar-nos muito bem e continuamos assim!”</i> [Caso 7]	7.2. Descontinuidade: ocorrem rupturas e/ou desligamentos familiares em algum momento da vida; os laços tornam-se menos forte. Caracteriza-se por não-aceitação de: transformações das relações; percurso de vida dos outros; quebra da continuidade geracional (p.e., não ser avô). Verifica-se ausência de mutualidade: a pessoa idosa dá/quer ajudar, mas não quer pedir ajuda (sensação de se rebaixar). <i>“Eu raramente lhe peço alguma coisa !”</i> [Caso 1]
Domínio IV. Integridade Global	
Categoria 8 – In/satisfação com a vida: avaliação da pessoa idosa relativamente ao seu ciclo de vida familiar.	
8.1. Satisfação: sensação de paz e realização; a pessoa idosa sente identidade com o presente, passado e futuro das suas relações familiares. Satisfação com as relações familiares e com a própria vida. <i>“Nesta fase da vida sinto-me bem!”</i> [Caso 6]	8.2. Insatisfação: sentimento de desvinculação familiar; ausência de partilha de valores. Caracteriza-se por conflitos e descontentamento com aspectos da vida. <i>“Não há o assim-assim?”</i> (refere-se à questão: “A maior parte das vezes sente-se satisfeito (a) ou em paz com as suas relações familiares?”) [Caso 1]
Categoria 9 – Proximidade/distância afectiva: intensidade do vínculo afectivo na família.	
9.1. Proximidade afectiva: sentimento de ligação com a família multigeracional. Caracteriza-se por: relações afectivas próximas (pertença e partilha) e segurança. <i>“Muito.... [feliz] a minha filha e o meu genro são muito meus amigos... ao lado deles estou segura!”</i> [Caso 7]	9.2. Distância afectiva: sentimento de desvinculação e alienação com a família multigeracional. Caracteriza-se por: relações afectivas distantes (por vezes, motivada pela distância geográfica); conflitos; falta de disponibilidade; desinteresse. <i>“Menos próximo dos meus filhos... são de uma geração diferente!”</i> [Caso 1]
Categoria 10 – Pouco/amadurecimento da identidade pessoal não/sustentada por uma filosofia de vida: refere-se ao reajustamento (ou não) da identidade pessoal face às transições do ciclo de vida familiar e individual.	
10.1. Redefinição da identidade pessoal sustentada por uma filosofia de vida: maior aceitação do eu e do outro. Associa-se à definição de uma filosofia de vida que permite integrar os acontecimentos de vida, mesmo os menos desejáveis, de forma positiva; e também funciona como um guião orientador de comportamentos. <i>“Sou optimista por natureza.”</i> [Caso 8]	10.2. Ausência de redefinição da identidade pessoal, não sustentada por uma filosofia de vida: não-aceitação do eu e do outro. Associa-se a uma filosofia de vida indefinida, que dificulta a integração dos acontecimentos de vida de forma positiva. <i>“...eu decidi vir para o lar, mas não me enquadro... aliás quanto menos pessoas nos lares melhor.”</i> [Caso 1]

Categoria 11 - Projectos de vida centrados no passado/futuro: modo como o indivíduo percepciona o tempo, planeando projectos de vida.	
11.1. Projectos de vida centrados no futuro: objectivos de vida de futuro que se traduz num sentimento de utilidade. <i>"E realmente chegar ao dia-a-dia e ainda ter algum objectivo para concretizar, dá-me um certo alento..."</i> [caso 6]	11.2. Projectos de vida centrados no passado: centram-se na resolução de situações do passado. <i>"... Eu quero debater isso com os meus filhos e eles pura e simplesmente não ligam."</i> [caso 1]

Considerando os discursos dos participantes, classificaram-se os sujeitos no caminho da *integridade familiar* e os sujeitos no caminho da *desconexão/alienação familiar*. Os juízes concordaram em classificar 6 sujeitos no caminho da integridade e 2 no caminho da desconexão/alienação (tabela 1). A partir destes dados foram construídas as árvores que descrevem o percurso da *integridade e da desconexão/alienação familiar* (figura 1 e 2). De referir que os sujeitos classificados não apresentam todas as categorias dessa vertente, ou seja: os sujeitos no caminho da *integridade familiar* sentem-se em paz com a vida, mas podem ter também domínios próximos da *desconexão*.

5. Resultados

Os resultados (tabela 2) indicam que os domínios se mantêm tal como proposto por King & Wynne (2004), mas as subcategorias permitem ganhar maior conhecimento sobre as componentes que se associam à *integridade e desconexão/alienação familiar*. Emergiram também duas novas categorias, designadamente, *pouco/amadurecimento da identidade pessoal não/sustentada por uma filosofia de vida e projectos de vida centrados no passado/futuro*.

5.1. O caminho da integridade familiar

A *integridade familiar* (figura 1) emerge principalmente de uma redefinição da identidade:

"... há um certo amadurecimento...é a escola da vida que nos vai transmitindo esse amadurecimento..." [caso 6, homem, 65 anos]

O reajuste na identidade associa-se a uma filosofia de vida re/construída nesta fase, que orienta as acções e reflexões inerentes às circunstâncias da vida. Por exemplo:

"A vida apresenta-nos contrariedades, é preciso viver com tudo e ultrapassa-las."
[caso 6, homem, 65 anos]

No *caminho* da integridade, a redefinição da identidade ocorre num sentido que permite ao sujeito aceitar e/ou resolver tarefas e conflitos do seu percurso de

vida, encarar as tarefas como finalizadas e a vida sem arrependimento. Ao mesmo tempo decorre a transmissão do legado com satisfação, à qual se relaciona a sensação/certeza de ter um lugar respeitado na família e ser lembrado como deseja (congruência). Neste contexto, o indivíduo aceita-se e, por isso, está mais capaz de aceitar o outro. Estes processos estão interligados: aceitação do eu e do outro são recíprocas, embora pareça que a aceitação do eu tenha maior influência no caminho da *integridade familiar*:

“Para mim está tudo bem, para eles é que ainda não.” [caso3, mulher, 79 anos]

Os sujeitos que descrevem um trajecto de integridade referem-se à continuidade das relações familiares com amadurecimento: as relações vão evoluindo, tornando-se mais profundas e mais fortes; o passado fica resolvido, o presente é vivido e o futuro planeado. A pessoa idosa encara a vida com objectivos e sentimento de utilidade (traça trajectórias e vive o presente delineando o futuro activo):

“...é bom termos ainda metas para atingir no dia-a-dia e coisas para encontrar, fazer e realizar”. [caso 6, homem, 65 anos]

A redefinição da identidade, a construção de uma filosofia de vida e a continuidade das relações familiares com amadurecimento interagem no caminho da *integridade familiar*.

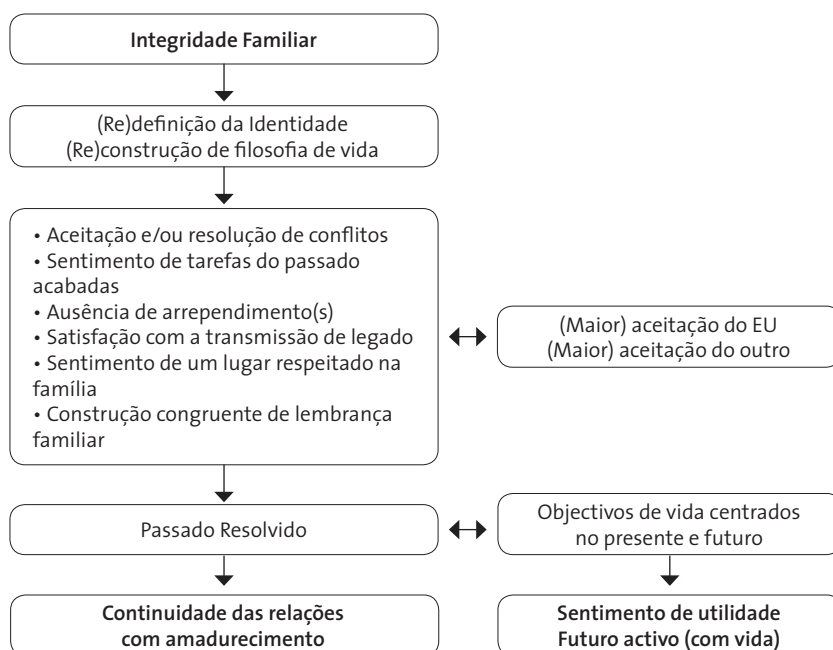


Figura 1. Percursos de integridade familiar

5.2. O caminho da *alienação/desconexão familiar*

A *alienação/desconexão familiar* (figura 2) surge associado à não redefinição ou reajustamento inadequado da identidade pessoal. Esta ausência de reajuste da identidade parece relacionar-se com uma filosofia de vida indefinida, por exemplo:

“Eu próprio decidi vir para o lar, mas sinceramente eu não me enquadro... isto não me diz muito...” [caso 1, homem, 69 anos]

O sujeito vivencia um sentimento de desvinculação face às transições do ciclo de vida individual e familiar. A ausência de reajustamento de identidade impulsiona a não-aceitação e não resolução de conflitos, o sentimento de tarefas inacabadas e a presença de arrependimento. Em simultâneo ocorre a transmissão do legado, mas com insatisfação, o sujeito sente que tem um lugar pouco respeitado na família e constrói uma lembrança familiar incongruente:

“...no fundo penso que transmiti muito pouco, porque eles não aceitam...portanto aí posso sentir-me frustrado.” [caso 8, homem, 77 anos]

Todo este processo pressupõe uma menor aceitação do eu e do outro. Ao não se aceitar, o sujeito vai centrar-se no outro (culpabiliza-o) para justificar os conflitos familiares, e, assim, não aceita o outro:

“...fomos os dois para o quarto e pedimos desculpa um ao outro... foi tudo por culpa de terceiros.” [caso 1, homem, 69 anos]

Os sujeitos no trajecto da *desconexão/alienação familiar* referem a descontinuidade das relações familiares, caracterizando-as como menos próximas e mais frágeis. O passado não é resolvido e o presente e o futuro são vividos no passado. A pessoa idosa desenvolve um sentimento de desvalorização e os objectivos de vida são centrados no passado:

“...gostava de ser lembrado pelos meus hobbies... mas para eles (filhos) não vale nada... mas não sei se vale, nem se não vale”... [caso 1, homem, 69 anos]

5.3. Discursos

Efectuou-se uma breve análise do discurso dos sujeitos, com base nas palavras mais usadas nas entrevistas, distinguindo os classificados no caminho da *integridade familiar* dos da *alienação/desconexão* (tabela 3).

Os entrevistados que tendem para a *desconexão/alienação familiar* apresentam entrevistas mais longas: por exemplo, a entrevista do sujeito com mais indicadores de *desconexão* teve a duração de 45 minutos e 6148 palavras. Por outro lado, a entrevista do sujeito com mais indicadores de *integridade* teve

a duração de 22 minutos e 2159 palavras (estes dados são consistentes nas restantes entrevistas). Estes dados sugerem que os indivíduos cuja identidade tende para *desconexão/alienação familiar* falam mais, são mais repetitivos e *aborrecidos*. De facto, o Sr. Trindade⁵ independentemente da pergunta encontra sempre uma forma de abordar o assunto que lhe ocupa os pensamentos; repete-se, conta múltiplas vezes duas histórias (um conflito com o cunhado e outro com a mulher); é aborrecido, pois queixa-se dos outros e culpabiliza-os; centra-se em histórias do passado. Daqui poderá derivar o estereótipo do idoso aborrecido, centrado no passado e repetitivo. As pessoas no caminho da integridade são concisas, referem-se ao passado quando questionadas, centram-se nas relações presentes e não se *queixam* do passado ou do presente.

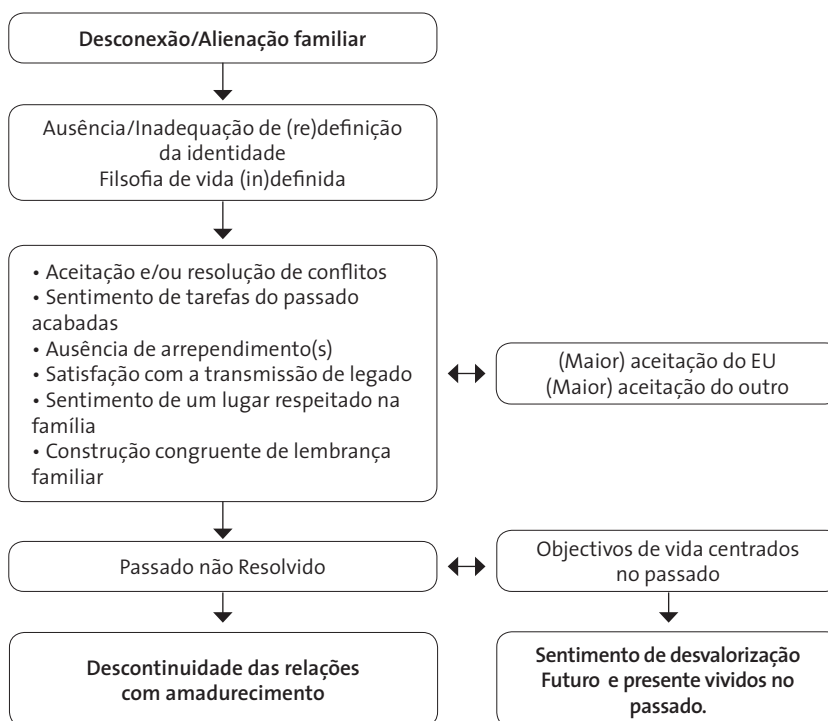


Figura 2. Percursos de desconexão/alienação familiar

⁵ Todos os nomes utilizados são fictícios.

6. Discussão

6.1. Construção da *integridade familiar*

Este estudo permitiu compreender melhor os processos que estão na base da construção da *integridade familiar*, aprofundando as componentes já definidas por King e Wynne (2004) e fazendo emergir novas. A componente emergente que destacamos é: projectos de futuro que implicam a redefinição do tempo na velhice e a atribuição de um futuro a esta fase da vida.

6.1.1. A *noção de tempo*

A emergência do futuro neste estudo salienta a necessidade de definir o tempo, especialmente quando nos centramos nas pessoas idosas e nas famílias no fim da vida. A teoria da selectividade socioemocional afirma que a percepção do tempo desempenha um papel fundamental na selecção e na prossecução de objectivos sociais (Lang & Carstensen, 2002). Tanto na idade jovem como na velhice, os papéis sociais mudam quando sentem que o tempo é restrito. Indivíduos que perspectivam o tempo como limitado dão prioridade a objectivos emocionais; aqueles que perspectivam o tempo como ilimitado estabelecem objectivos instrumentais. Ambos podem ocorrer na velhice.

No decorrer da investigação, verificamos que os indivíduos que se encontravam no caminho da *integridade familiar* referiam o que desejavam fazer no futuro (objectivos mais emocionais), no sentido de se manterem úteis e atingirem a *plenitude* das suas capacidades:

“E realmente chegar ao dia-a-dia e ainda ter algum objectivo para concretizar; pode ser encontrar-me com uns amigos. A mim dá-me um certo alento, um certo gozo no sentido de realização de vida...” [caso 6, homem, 65 anos]

Os sujeitos que caminham no sentido da *desconexão/alienação familiar* relatam projectos de futuro, mas centrados em resolver situações do passado ou em recuperar um passado que já passou (objectivos mais instrumentais):

“...contavam-lhes histórias de um acidente de carro, que eu podia ter evitado... e eu quero debater isso com os meus filhos e eles pura e simplesmente não ligam.” [caso 1, homem, 69 anos]

6.1.2. *Processos facilitadores da integridade familiar*

A construção da *integridade familiar* pela pessoa idosa parece estar assente em processos de índole mais individual que necessitam do suporte e facilitação familiar.

O conhecimento destes processos é de relevo na intervenção, pois permite identificar processos menos construtivos e como actuar para promover a *integridade familiar*. São processos que se influenciam fortemente, podendo cada um deles facilitar ou impedir o outro.

6.1.2.1 Processos individuais

Perdão (de si e do outro) versus culpabilização do outro

O perdão de si parece determinante na capacidade de perdoar o outro. De facto, quando o sujeito recebe o perdão do outro, mas não se perdoa, não pode trilhar o caminho da *integridade familiar*, pois o sentimento de remorso ou arrependimento permanece. Por exemplo, um dos entrevistados relata um episódio de discussão com a esposa:

“...fomos os dois para o quarto e pedimos perdão um ao outro... foi tudo por culpa de terceiros. Mas ainda penso nisto: não devia ter feito o que fiz, mas a minha mulher também teve culpa; e a sogra não tinha nada que se meter!”
[caso 1, homem, 69 anos]

Pode subentender-se que a culpabilização do outro emerge quando o sujeito não se aceita nem a si nem ao outro e, por isso, acaba por trilhar no caminho da *desconexão/alienação familiar*.

Aceitação (de si e do outro) versus controlo do outro

A aceitação de si permite ao sujeito viver com tudo o que de bom e menos bom fez na vida e rumar ao caminho *integridade familiar*. A aceitação do outro acaba por ser um processo concomitante, pois o bem-estar consigo facilita a compreensão do outro. Os sujeitos com dificuldade em aceitar o seu percurso de vida, tendem a controlar os outros e tendem no sentido da *desconexão/alienação*:

“Muita gente não quer saber das experiências por que os pais passaram! Só quando batem com a cabeça na parede muitas vezes é que dizem: o meu pai tinha razão!”[caso 1, homem, 69 anos]

Valorização (de si e do outro) versus desvalorização do outro

A valorização de si associa-se à sensação de ter criado um lugar significativo e respeitado na família, que permite a valorização do outro e facilita a construção da *integridade familiar*. Paralelamente a desvalorização do outro conduz à *desconexão/alienação*: a pessoa idosa perante a dificuldade em se valorizar acaba por desvalorizar o outro, para se sentir bem; este comportamento torna-se, por vezes, *arrogante*:

“Quando vou ver as minhas irmãs, algumas não sabem ler, não ligam nenhuma ao que digo, porque não percebem nada. Às vezes perguntam: onde é que aprendeste tanto?! E eu digo: eu não aprendi muito, mas tu sabes pouco!” [caso 1, homem, 69 anos]

6.1.2.2. Processos familiares

A família influencia, positiva e negativamente, o percurso da *integridade familiar* da pessoa idosa. As competências familiares podem facilitar a continuidade das relações com amadurecimento, através de algumas atitudes e comportamentos, tais como: manter o compromisso na relação e reinventá-lo face às transições do ciclo de vida; permitir a autonomia do idoso na exploração de novos papéis familiares e sociais; renegociar o poder de hierarquias entre gerações (mutualidade, maturidade filial e parental) e estimular a solidariedade intergeracional (Carter & McGoldrick, 2004). Os processos familiares que ajudam a pessoa idosa a aceitar conflitos passados, a viver o presente e a planear o futuro são: facilitar a comunicação (disponibilidade para o diálogo), envolver o idoso na resolução dos problemas familiares, proporcionar tempo e espaço para redefinição de papéis (Erikson, 1998). A pessoa idosa sente satisfação com a criação de sentido e legado, por isso é relevante que a família proporcione espaço para a transmissão, aceitando ou pelo menos reconhecendo que a pessoa idosa se preocupa em deixar *algo de bom*. Deste modo, há reconhecimento do contributo da pessoa idosa no passado, presente e futuro.

6.3. Contributos para o desenvolvimento da entrevista de integridade familiar

A entrevista aplicada foi proposta por King e Wynne (2004), com validação clínica, necessitando de posterior análise ao nível da investigação. Por isso apresentamos as nossas sugestões para o progresso deste instrumento (anexo 2).

Quanto à aplicação, os entrevistados transmitiram dificuldades interpretativas nas perguntas referentes ao domínio *resolução de conflitos*. As questões parecem conduzir todas à mesma resposta, quando se pretende um diferencial de abordagem. A análise de dados sugere que a entrevista não contempla uma perspectiva desenvolvimental da velhice. As perguntas centram-se no passado, desencadeando um discurso muito retrospectivo. O sujeito não tem oportunidade para perspetivar um futuro activo, embora acabe por o fazer sem ser questionado. As únicas questões que remetem para o futuro pertencem ao domínio *criação do sentido de legado* e abordam a morte (do próprio), o que não altera o carácter involutivo. A focalização no passado implica um revivalismo de aspectos significativos do percurso de vida, o que poderá despertar uma ambivalência de sentimentos: reviver um conflito pode fazer emergir sentimentos de angústia e impotência, enquanto que recordar a transmissão de legado pode ser motivo de orgulho. Estes sentimentos ambivalentes podem inibir ou potenciar o discurso do entrevistado.

A entrevista é de breve aplicação, o que revela objectividade e clareza das questões, evitando a dispersão de raciocínio e exaustão dos entrevistados. As questões abertas possibilitam a partilha de outras situações subjacentes. A ordem preestabelecida dos domínios constitui outra potencialidade, pois permite iniciar e finalizar a entrevista de um modo positivo, preservando a estabilidade emocional do indivíduo. A entrevista poderá ter potencial terapêutico, pois os sujeitos revelavam satisfação no seu término. Concretamente, um entrevistado pediu para ouvir a gravação e chorou de felicidade.

6.4 Limites e perspectivas de pesquisa

Uma das limitações desta pesquisa centra-se no reduzido número de pessoas (2) no *caminho da desconexão/alienação*, que não permite explorar mais aprofundadamente este percurso. Além disso, a gravação das entrevistas constituiu um elemento constrangedor para alguns indivíduos (por exemplo a D. Constantina tornou-se mais fluente após o gravador ter sido desligado). É relevante incluir na entrevista questões referentes a projectos de futuro, que permitirão analisar melhor o que os idosos e suas famílias planeiam para o futuro (anexo 2).

Em próximas pesquisas, estas limitações devem ser colmatadas e ainda consideradas as propostas seguintes. A entrevista apresenta uma perspectiva muito individualista, por isso poderá ser interessante administrá-la ao grupo familiar para avaliar as suas vivências e percepções. Assim, compreende-se a perspectiva da pessoa idosa e, também, a visão dos outros familiares, o que é relevante para a intervenção nos processos facilitadores da *integridade familiar*. Seria também pertinente, analisar a correlação de diferentes variáveis (género, estatuto socio-económico, estado funcional) com o constructo *integridade familiar*.

A investigação deverá considerar diferentes níveis de *integridade familiar*, visto ser um processo construtivo e subjectivo (por exemplo o Sr. Ferreira, que está no caminho da integridade, sente ainda não ter alcançado a “plenitude” desejada). Neste sentido, será pertinente criar um instrumento de avaliação, por exemplo uma escala, que permita identificar a tendência para integridade ou *desconexão/alienação familiar*.

7. Conclusão

A construção da *integridade familiar* envolve a redefinição da identidade familiar e individual, sustentada por uma filosofia de vida. Pode ser definida como um processo emocional caracterizado por sentimentos de conexão, continuidade e

pertença na família multigeracional, fundamental para o bem-estar da pessoa idosa e influenciada por vários factores individuais e familiares. O estudo dos processos normativos na velhice afigura-se relevante na investigação, devendo aprofundar a redefinição da identidade da pessoa idosa, pois a construção da identidade processa-se ao longo da vida (Erikson, 1950). A integridade familiar ajuda a desenvolver o conceito de envelhecimento bem sucedido, que se assemelha a um princípio organizacional que pode ser atingido estabelecendo metas pessoais ao longo da vida. Transpõe a objectividade da saúde física, expandindo-se num *continuum multidimensional*. A percepção pessoal das oportunidades de adaptação às mudanças que advém do envelhecimento e condições associadas é um elemento-chave na construção da *integridade familiar*.

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, Madalena. (des) Equilíbrios Familiares. Coimbra: Quarteto Editores, 2000.
- BELCK, R. Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, 1988.
- CARTER, Betty, MCGOLDRICK, Monica. *The Expanded Family Life Cycle*. 3rd Edition New York: Person Education, 2004.
- CSIKZENTMIHALYI, M. & ROCHENBERG-HALTON, E. *The meaning of things: domestic symbols and the self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- ERICKSON, J. *The life cycle completed*. New York: Norton, 1998.
- FONSECA, António. *Desenvolvimento Humano e Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi, 2005.
- HUNTER, Elizabeth, ROWLES, Graham. Leaving a legacy. «*Journal of Aging Studies*». 19:3, 2005.
- KING, Deborah A., Wynne, Lyman C. The emergence of "family integrity" in later life. *Family Process*. 43:1, 2004.
- LANG, F. & Carstensen, L. Time counts. *Psychology of Aging*, 17(1): 125-139, 2002.
- PENNEBACKER, J. & Stone, L. Words of wisdom: language use over the life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, 85(2): 291-301, 2003.
- PRIEUR, Bernard. *As heranças familiares*. Lisboa: Climepsi, 1999.
- RAMOS, Marco. *Crescer em Stresse*. Porto: Ambar, 2005.
- RELVAS, Ana Paula. *O ciclo Vital da Família*. Porto: Afrontamento, 1996.
- SOUSA, Liliana, FIGUEIREDO, Daniela, CERQUEIRA, Margarida. *Envelhecer em Família*. Porto: Âmbar, 2004.
- SOUSA, Liliana. *Uma perspectiva sistémica para alunos com necessidades especiais*. Porto: Editora, 1998.
- SUSSMAN, Marvim, CATES, Judith. *The family and inheritance*. New York: Russel Sage, 1970.

Constructing family integrity in later life

Family integrity is a normal challenge to the development of elderly people, influenced by family factors. This study aims at contributing to a better understanding of family integrity in later life. A semi-structured open interview (based on King & Wynne, 2004) was administered to 8 participants aged over 64 years old. Main results suggest that family integrity is influenced by: i) identity readjustment supported by a life philosophy; ii) existence of emotional proximity in family relationships; iii) acceptance of past or present conflicts; iv) satisfaction with the legacy transmission; v) continuity in family relationships; vi) life projects centred on the future. Family integrity does not exclude negative current or past events, but involves the acceptance of life *as it is/was*, integrating all life in a peaceful meaning. The intervention must help elderly people accepting the self and the other, so the path to family integrity is facilitated.

KEY-WORDS: Family integrity; Family disconnection/alienation, Families in later life; Older persons.

En construisant l'intégrité familiale à la fin de la vie

L'intégrité familiale constitue un défi normal dans le développement des personnes âgées, fortement influencé par des facteurs du système familial. Cette étude prétend approfondir la connaissance sur ce qui contribue au développement du sentiment d'intégrité familiale chez les personnes âgées. La collecte de données s'est effectuée avec l'application d'une interview semi structurée (basée sur King & Wynne, 2004), dirigée à 8 personnes ayant plus de 64 ans (5 femmes et 3 hommes), ils vivent dans un contexte familial. Les principaux résultats suggèrent que le sens d'intégrité familiale chez la personne âgée soit influencé par: i) la redéfinition de l'identité personnelle soutenue par une philosophie de vie; ii) l'existence de proximité affective dans les relations; iii) l'acceptation de conflits ; iv) la satisfaction avec la transmission de legs; v) la continuité des relations familiales; vi) l'existence de projets de vie future. L'intégrité n'exclut pas de contrariétés et d'angoisse, mais elle les implique dans une signification de paix avec la vie. Dans l'intervention les personnes âgées doivent être soutenues dans le processus d'acceptation d'elle et de l'autre, donc celui-ci est un mécanisme de facilité de l'intégrité familiale.

MOTS-CLÉS: intégrité familiale; déconnexion/aliénation familiale; familles vieillies; personnes âgées.

Anexo 1. Domínios da integridade Erikson (1950) e King & Wynne (2004)

Domínio	Integridade	Desespero/Desconexão
Integridade global		
Erikson	Reflexão e aceitação da vida; sabedoria (não se viveu em vão); preocupação desprendida com a vida; sensação de dever cumprido; sentido de dignidade; manutenção de auto-conceito positivo.	Ausência de significado da vida; sentimento de desgosto; renega a vida; sentimento de que “o tempo é curto”.
King & Wynne	Sensação de paz e aceitação. Satisfação com o presente, passado e futuro das relações familiares; sentimento de pertença e partilha; valorização e sentido para a vida.	Desligamento; alienação; descontentamento; ausência de partilha de valores, crenças e de sentimento de identidade familiar.
Transformação das relações familiares		
Erikson	Papel bem definido, orgulho nas relações familiares; aceita o seu percurso de vida e o dos outros; sentimento de união familiar.	[sem referências]
King & Wynne	Mutualidade; maturidade filial e parental; reciprocidade; aceitar a transição dos papéis.	Ausência de ligação, comunicação hostil, crítica e exigência. Sentimento de que ninguém se preocupa.
Resolução de conflitos e perdas		
Erikson	Admissão da finitude; atitude serena face à morte; ajustamento à incapacidade física.	Angústia face à morte; sentimento de arrependimento; desejo de retroceder para reformular atitudes; sentimento de inutilidade devido às perdas funcionais.
King & Wynne	Procura activa pelo confronto e resolução de lutos; desinvestimento de relações impossíveis.	Negação dos problemas, evitando a confrontação; não integração de experiências passadas (lutos patológicos...).
Criação de legado		
Erik Erikson [integrada na 7ª idade <i>generatividade vs desespero</i>]	Sensação de contributo para gerações futuras; partilha de conhecimento; preocupação com os outros; desejo de realizar algo que lhe sobreviva; transmissão de valores.	Ausência de compromisso com as gerações futuras; incapacidade de projectar o futuro; sente que não criou nada.
King & Wynne	Passagem de histórias, interesses; participação e organização de actividades familiares; doação activa ou intencional de bens pessoais.	Não há a quem passar o legado; não é importante construir um legado.

Anexo 2. Entrevista de integridade familiar: aplicada e proposta

Entrevista aplicada	Entrevista proposta
1. Integridade (global)	
A maior parte das vezes, sente-se satisfeito (a) ou em paz com as suas relações familiares?	
Com que aspectos da sua vida familiar se sente mais satisfeito e mais em paz? E, com que aspectos se sente menos satisfeito e menos em paz?	
	Como lida com esses aspectos (positivos e negativos), tendo em conta o seu modo de estar na vida?
	Quais são os seus objectivos para o futuro na sua vida pessoal e familiar?
Independentemente de ver ou não os membros da sua família tanto quanto gostaria, sente-se, em geral, próximo e/ou ligado a eles?	
Se possível, indique uma ou duas das suas relações familiares mais próximas.	
Há membros da sua família aos quais gostaria de se sentir mais próximo ou ligado?	
2. Resolução de conflitos e perdas	
Sente arrependimento em alguma das suas relações familiares?	
Sente que tem alguma coisa a resolver com a sua família?	
Se sim, tentou fazer alguma coisa para resolver essa situação?	
Há alguns assuntos ou problemas que gostaria de discutir com alguém na sua família?	
Há alguns problemas ou assuntos da sua família que são complicados para si? Se sim, aceitou ou resolveu? Se não, o que poderia ajudar neste processo.	Se sim, já os aceitou ou resolveu? Ou ainda gostaria de os resolver com a sua família? Como? O que acha que poderia ajudar nessa resolução/aceitação?
3. Criação de sentido e legado	
Que aspectos da sua tradição, história ou valores familiares transmitiu aos membros mais jovens da sua família?	
Que herança materiais transmitiu aos membros mais jovens da sua família?	
O que ainda gostaria de partilhar ou passar aos outros (material e simbólico)? Porquê?	
Sente que tem um lugar significativo e respeitado na sua família? Porquê?	
Como será lembrado pelos membros da sua família quando morrer?	
Como gostaria de ser lembrado?	
O que pode fazer para ser lembrado da maneira que gostaria?	
4. Transformação das relações	
Como mudaram as suas relações familiares à medida que foi ficando mais velho(a)?	
	E para o futuro, acha que vão ocorrer alterações nas relações familiares? Se sim, quais? E como vai lidar com elas?
Há elementos da família com quem pode contar para lhe dar apoio se precisar?	
É difícil para si pedir ajuda aos membros da sua família? Porquê?	
Há pessoas da sua família que contam consigo para lhes dar ajuda?	
É difícil para os outros pedir-lhe ajuda?	